

Tira teima

A CUT encaminhou dia 21 de dezembro o pedido de quebra de sigilo bancário de todos dirigentes da executiva nacional. Dia 30 estarão no país todas centrais sindicais internacionais com as quais a CUT mantém convênios. Os dirigentes destas entidades darão coletiva esclarecendo como são feitos os convênios e marcarão audiência com o presidente Itamar Franco.

Mensalidade do Sinergia

Na assembléia do dia 16 de dezembro foi decidido, por unanimidade, que a mensalidade do Sinergia deverá ser mantida no mesmo valor, ou seja, 1% do salário base, distribuído da seguinte forma: 0,5% - despesas gerais do sindicato; 0,5% campanha contra a privatização e gastos com liberação de dirigentes sindicais.

Contra a Aids

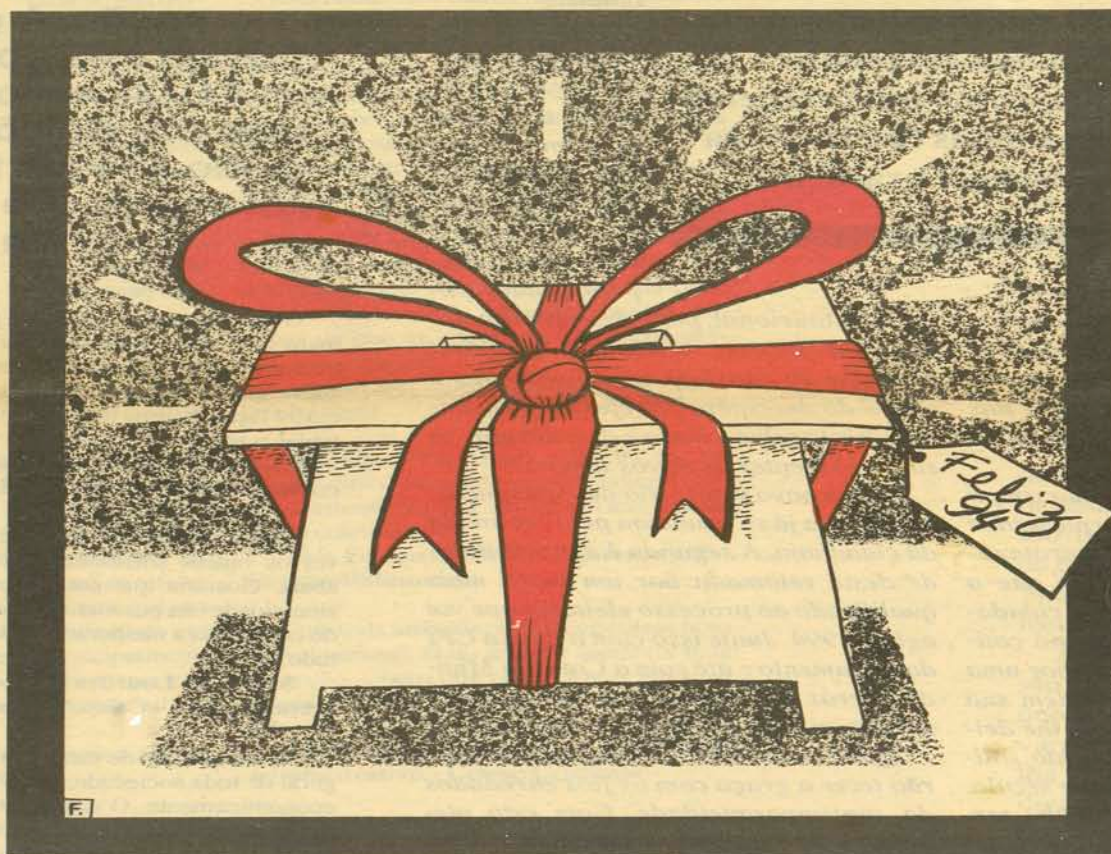
A CUT deu início a uma campanha de prevenção da Aids entre os trabalhadores. Serão realizados semanários e distribuído material educativo. Todos sindicatos cutistas estarão engajados na campanha que prevê inclusive o assunto como ponto das pautas de reivindicações.

Oficina de teatro

O Departamento de Cultura do Sinergia está promovendo uma OFICINA de TEATRO com o ator/diretor Waldir Onofre, que atuou nos filmes Macunaima, Toda Nudez Será Castigada, A Dama do Lotação, Memórias do Cárcere e em novelas como Irmãos Coragem, Corpo a Corpo e em várias peças teatrais. A oficina será realizada em duas turmas. Uma de 04 a 27/01/94 e outra de 01/02 a 01/03/94, sempre de terça à quinta-feira, das 19 horas às 22 horas, no auditório do sindicato. Inscrições: 1ª turma até 30/12/93, com valor de CR\$ 5 mil para eletricitários e CR\$ 10 mil para público em geral; 2ª turma até 27/01/94 por CR\$ 6.500,00 para eletricitários e CR\$ 13 mil para público em geral. Informações no Sinergia, fone 22-38-66. Na Celesc com Sandra ou Meri, fone 31-68-44/68-45. Na Eletrosul com Soraya, fone 31-75-22.

Nº 253
22/12/93

LINHA VIVA



Este ano a Celesc utilizou os talentos da própria empresa para entrar em clima de natal. O presépio estilizado pintado sobre madeira no saguão foi elaborado pelo artista plástico Murilo Pereira, lotado na Assessoria de Marketing, e a estrutura de madeira toda construída na marcenaria da empresa. Na semana de natal o painel serviu de fundo para a banca onde o comitê de trabalhadores da Celesc das Ações da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida recolhia brinquedos para as crianças carentes da grande Florianópolis.

Novos representantes

O Sindicato de Lages realizou eleições para representantes sindicais que tomarão posse dia 29 de janeiro, com mandato de um ano. Pela Celesc foram escolhidos Marcelo Ricardo Formulo (Lages), Carlos Roberto Leal (Videira) e Edson Sewald (Joaçaba). Pela Eletrosul: Luiz Menozzo (Itá), Luiz Plínio Bittencourt (Itá), João Batista Armani (Xanxerê) e Dolizete Zucco (Campos Novos)

FHC e os liberais

A CUT, analisando o plano do ministro Fernando Henrique Cardoso diz que "visa proporcionar condições para as reformas neoliberais, significando um maior arrocho de salários e implicando na dolarização efetiva da economia, abrindo mão o país de sua soberania com relação ao próprio padrão monetário. O Governo não terá mais autonomia para promover o desenvolvimento como as políticas cambial, monetária, fiscal e de créditos.

Entrega simbólica

Dia 23 de dezembro, o Comitê da Cidadania de Florianópolis contra a Fome e a Miséria fará uma entrega simbólica de cestas básicas para moradores da favela Chico Mendes. A entrega faz parte da promoção Natal Sem Fome que deveria ter recolhido no mínimo 20 toneladas de alimentos para dar uma cesta básica para cada família necessitada de Florianópolis. O Comitê só conseguiu juntar 3 toneladas de alimentos. Também na quinta-feira, os meninos de rua do coral do Morro do Mocotó farão uma apresentação na lanchonete Bob's, onde ganharão lanche por conta do comitê.

HOJE É DIA DE VOTAR KATHYA

A candidata da
Intersindical ao
Conselho de
Administração da
Celesc

Um país de cidadãos

Conturbado este 1993 que já beira seus últimos instantes. Os acontecimentos galoparam frenéticos no lombo de um tempo que se torna cada vez mais escasso diante de sua própria velocidade.

Nossos dias têm sido marcados pela impermanência. Conceitos e valores se erguem ou desmoronam num virar de madrugada. É como se a realidade nos explicasse o que queria dizer o poeta quando falava de algo "tão frágil como um segundo". Esta velocidade atrapalha quem deseja entender toda a extensão das mudanças, do processo histórico acelerado, fazendo germinar uma covardia cética e cínica que anuncia o fim da história, numa espécie de apocalipse de avessas. Sobra o homem-fragmente que só é razão (?) para si mesmo. Cresce a necessidade de reconstruir alguns sonhos, ampliar o horizonte para além dos estilhaços da realidade que nos atingem e ferem, restaurar a capacidade de ter "a cabeça nas nuvens, os pés no chão e os olhos no horizonte".

É como se houvesse ao mesmo tempo uma impaciência e uma perplexidade por parte da história e de seus protagonistas, os humanos, estes seres que a cada dia vão extraviando a sua cidadania nas esquinas, nos guichês, no cotidiano. O cidadão é atropelado por uma profusão de signos que confundem sua identidade social e que acabam lhe deixando só, apartado do sentimento solidário que soldou as utopias deste século.

Este quadro atarantado acaba tornando legítima qualquer avaliação: do pessimismo absoluto ao otimismo sem limites. Mas é justamente a tentativa de entender e traduzir os acontecimentos que se torna possível assumir alguma responsabilidade sobre seus desdobramentos. Esta responsabilidade, convertida em ação, coloca os indivíduos no mais nobre dos postos, o de senhor dos próprios atos, de artífice da história. As-

sumimos, assim, um compromisso inextricável com nosso tempo.

E foi assumindo esta responsabilidade que neste conturbado 1993 reaprendemos o pouco do que se chama cidadania, encarando como um problema de todos a mais funda chaga da sociedade brasileira. As Ações da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida se tornaram uma realidade incontestável, que além do mérito de aplacar a carência de milhões, resgatou para outros tantos um lugar na história, ainda que como um anônimo cidadão que, no final do século

vinte, resolveu colocar fim à fome de seus iguais.

Por isso, recusamos as avaliações pessimistas, que seriam plenamente justificadas pelos indicadores econômicos, pelo quadro po-

lítico institucional, pela crise internacional. Mas do que valeria esta provável apologia do caos? O que construiria o elogio do desespero? Preferimos encontrar "nesta selva escura e desvairada" os sinais presentes de novos tempos.

O ano novo vem cheio de esperanças. A primeira já se anunciou pela retomada da cidadania. A segunda é a possibilidade desta retomada dar um perfil mais qualificado ao processo eleitoral que vai agitar 1994. Junte isso com o fim da CPI do Orçamento e até com a Copa do Mundo e verás que os condutores da história não vão tirar o pé do acelerador.

Que venha 1994! Os brasileiros saberão tecer a graça com os fios enredados da contemporaneidade. Com esta alegria, farão bandeiras para anunciar que querem um novo tempo de solidariedade, ética, fraternidade e prosperidade. Saberão espantar e derrotar os que se nutrem da miséria (moral ou social). Saberão dizer que Brasil querem. E quando forem contar a história desta última década, vão ter que falar de um povo alegre que leva sua história nas mãos. Brasil: finalmente um país de cidadãos!

O Linha Viva procurou os empregados da Celesc e Eletrosul para descobrir o que eles estão esperando do ano que está chegando e fazer um balanço de 93. Para todos este período de grande turbulência trará resultados positivos para a nação. A grande maioria está confiante em 94, quase todos de olho nas eleições que darão o toque final no movimento que iniciou ainda em 92.

O ano que passou foi ruim, por causa dos maus políticos e, para nós eletricitários, particularmente por causa da ameaça de privatização que jamais pode ocorrer. Espero que em 94 façamos uma limpeza geral para reformular o país.

Cesário Felício Elias - assistente técnico administrativo - Celesc/Florianópolis.

Adorei 93, não tenho problemas. Sofro ao ver os outros sofrerem, mas isto não me abala. Gostaria que em 94 encontrar mais sinceridade nas pessoas. Só com isso o mundo começaria a melhorar. A falsidade destrói tudo.

Maria de Lourdes Dias - chefe da secretaria-geral - Celesc/Florianópolis.

93 foi um ano de mexida, reacomodação geral de toda sociedade, tanto política como economicamente. O nosso setor - elétrico - foi altamente questionado, tivemos logo no início do ano a desqualificação tarifária que nos abriu um novo horizonte. O ano trouxe transformações radicais na sociedade. Para 94 o desejo é que estas transformações continuem tendo sempre como objetivo o melhor para o país.

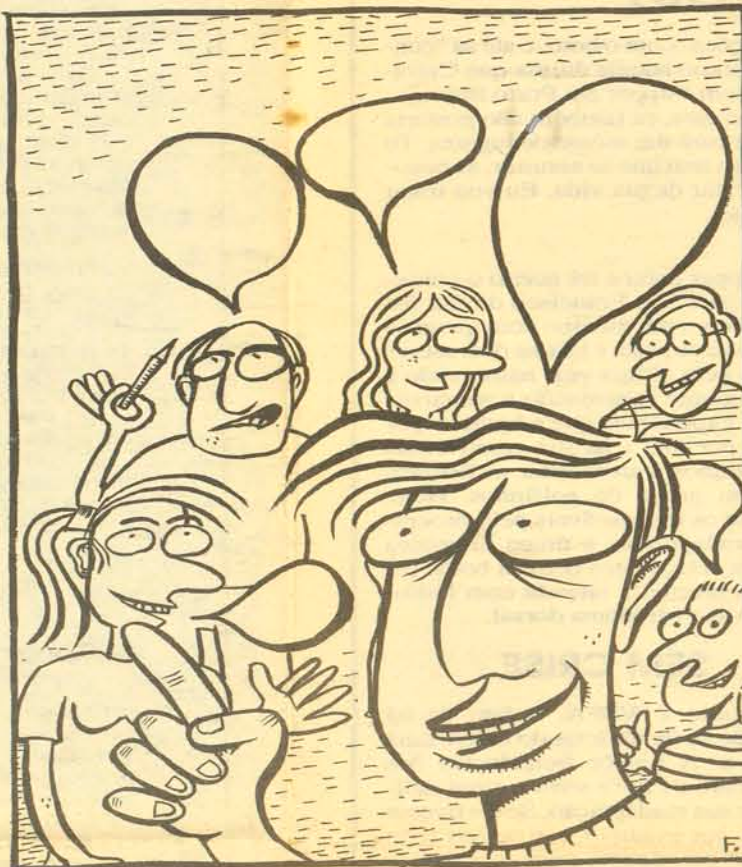
Paulo César da Silveira - Diretor Administrativo - Celesc/Florianópolis.

Passamos por um ano péssimo, muito difícil. Faltou maior entrosamento entre os trabalhadores brasileiros para lutar contra estas máfias de políticos. O povo está acomodado. Gostaríamos que em 94 as pessoas olhassem mais de perto isto fazendo com que tenhamos um futuro mais próspero.

Warnel Cruz de Souza - assistente técnico administrativo - agência/Florianópolis.

Passamos por um ano de mudanças, ali-cercando comportamentos para construir um novo sindicalismo e novas posturas políticas

Deu pra ti 93...



José Luiz Fernandez Cruz - engenheiro - Eletrosul/Florianópolis.

Em termos democráticos 93 foi um ano bom. Não foi bom em termos de conquistas sociais. Para 94 espero que as pessoas aproveitem a oportunidade das eleições e participem um pouco mais da vida do país, em todos os movimentos de uma forma geral, entre eles o do sindicalismo.

Jorge Luiz Alves - técnico de manutenção - Eletrosul/Sertão

Este ano foi rico em experiências, reformulação de valores, um dos melhores da minha vida. Sabia que Deus existia mas não sentia a presença dele. Já criei 5 filhos e agora além de servir a Deus da melhor forma possível voltarei a estudar em 94. Já da política, acho que esta classe (a política) tinha que ser exterminada até a 5ª geração, para se refazer tudo. Hoje, quem a gente pensava que era mocinho na verdade virou bandido e isto nos faz ouvir o voz dos outros, principalmente daqueles marginalizados, e pensar que eles falam a verdade, falam em solidriedade, reformular valores, etc.

Clélia Maria Moreira - técnico em documentação - Eletrosul/sede.

O ano passou muito rápido. Foi bom para o Brasil, afinal alguma coisa precisava ser feita a respeito da corrupção, Collor foi cassado, temos a CPI. Tudo isto faz bem para o ego da gente. Itamar é que deixou a desejar. No ano que vem teremos eleições presidenciais. Lula assumindo vai melhorar a situação. O povo está consciente e vai votar direito. Espero que nossa empresa não se deixe levar pela privatização e que as obras de Jorge Lacerda avancem.

Clécio Menezes Pires - técnico de manutenção - Eletrosul/Tubarão

Dependendo do tema 93 pode ter sido bom ou ruim. Apesar dos problemas a nação conseguiu superar e enfrentar os problemas políticos. Espero que 94 sejam desmanteladas estas máfias. A população está bem atenta, a classe política mais honesta está tomando as providências. A empresa está indo bem, melhorou bastante e 94 será melhor ainda pelas promessas da gerência.

Anilton dos Anjos Moraes - técnico de manutenção - Eletrosul/Tubarão

Foi um ano de muitas mudanças para a empresa e o país. O povo está com sede de Justiça e o processo começou. Espero que para o ano as coisas continuem, toda esta apuração aumente e que tenhamos novos tempos, novo ares.

Fernando José Seabra - técnico nível superior - Eletrosul/Sertão

Do ponto de vista pessoal foi um ano de resistência, me adaptando à crise, restringindo a demanda. Para o meu nível de renda houve um corte drástico. Apesar de toda crise o Brasil, porém, é ainda o único a resistir na América Latina, por onde andei viajando recentemente. Nos outros lugares as pessoas estão desesperançadas. Tenho confiança em 94, vai ser um ano de campanha presidencial, as coisas ficarão mais claras. Decidiremos que país queremos para o futuro. Será difícil um novo projeto Collor passar. É a nossa grande oportunidade.

Laércio de Melo Duarte - analista de sistemas - Eletrosul/Florianópolis

93 foi um ano conturbado, de mudanças políticas. Na empresa tivemos muitas novidades, nem sempre favoráveis aos empregados. Espero em 94 mais seriedade na parte política e na empresa. Mais um voto de confiança de que as novidades não menosprezem o empregado.

Carlos Cavazzoni - operador SE - Ilhota/Eletrosul

Espero que 94 seja melhor que 93, que foi um ano difícil para todo mundo, complicado politicamente. 94 terá que ser um ano melhor para a coletividade.

Elói Ferreira Ribeiro - gerente UP - Eletrosul/Blumenau

Com toda turbulência 93 teve coisas boas a nível pessoal. Já no aspecto social foi uma decepção. Quero que em 94 Deus ajude os menos abastados a ter mais estabilidade na vida.

Valdecir José dos Santos Assis - técnico administrativo - Celesc/Criciúma

93 foi um ano de muitas mudanças, renovação mas poucas realizações em termos de empresa. Espero que no ano que vem haja mais harmonia na empresa e muitas realizações.

Valdemar Maba - biólogo - Eletrosul/Itá

Este ano que passou poderia ter sido melhor. Gostaria que em 94 as coisas melhorassem um pouco para nós da manutenção.

Wilfredo Armin Kring - supervisor de manutenção - Celesc/Lages

Foi um ano bom. Tivemos um monte de informações importantes para a nossa classe. Espero que 94 continue com a mesma dedicação.

Adalberto Proença - assistente técnico - Celesc/Lages

TRIBUNA LIVRE

Eletrosul... 25 anos

Mauro Passos
Presidente do Sinergia

Amanhã, dia 23, fazes 25 anos. Uma vida longa para quem vive intensamente 24 horas por dia, todos os dias. Faça chuva, faça sol, seja feriado, sábado ou domingo em vários cantos e recantos do Sul do país teus trabalhadores estão em atividade mantendo o sistema em funcionamento. Talvez não tenhas percebido, mas tuas linhas de transmissão transportam a energia que gera, ininterruptamente, há mais de 200 mil horas.

Ciente da importância de teu papel como empresa pública, propulsora do desenvolvimento da Região Sul, supera desafios e constrangimentos que te são impostos, atendendo a demanda de energia com competência singular. Todos sabemos que passastes por momentos difíceis e até cruéis.

É verdade, Eletrosul, que nem tudo são flores neste aniversário. As mãos que te conduziram nem sempre te levaram pelo melhor caminho, pela trilha que te ergueria a altura de tua dignidade. Quantos recurso destinados a ti se perderam nos desvios, abalando muitas vezes a qualidade que sempre te foi peculiar. Assististes com dor teus trabalhadores serem afastados e teu futuro ser ameaçado. Mas nem isto te abateu. Continuaste com altivez, levando aos lares de milhões de brasileiros a energia elétrica que lhes dá conforto e paz.

Por tudo isso, queremos te desejar mais do que um feliz aniversário. Desejamos que sejas sempre a Eletrosul de todos os brasileiros, que impulsione o desenvolvimento.

Eletrosul, empresa pública sempre!

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação semanal da InterSindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glauco C. Marques, Sovenir Mácio Dias e Luiz Cézare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596.

Flipper volta pra casa e se dá bem

(ou A liberdade faz bem para todos)

Gastão Cassel
Da Equipe do Linha Viva

Quando retornou à imensidão do mar, depois de 8 anos de cativeiro, o golfinho Flipper não sabia que muitos olhos estavam voltados para ele. Os dos ambientalistas que comemoravam mais uma vitória e os da indústria de shows com mamíferos aquáticos de todo o mundo, torcendo para que a readaptação não desse certo. Nove meses depois do retorno, Flipper está completamente ambientado, aparentemente casado (é polêmica a questão da monogamia dos botos) e liderando um grupo de golfinhos jovens como ele, nas imediações de São Francisco do Sul. O boto venceu uma batalha contra uma espécie de preconceito dos de sua espécie, o "mau olhado" dos empresários que mantêm mais de 500 golfinhos presos nos EUA e sua própria dificuldade de aceitar o retorno ao hábitat.

A história de Flipper começou quando a Associação Ecológica Tucuxi de Santos, SP, resolveu acionar a Lei 7.643, que proíbe a manutenção em cativeiro de animais silvestres, para tirá-lo do aquário de shows onde ele fazia acrobacias, em São Vicente, SP. Era o último golfinho-escravo do Brasil, um boto da espécie *Turciopis truncatus*. Os ecologistas conseguiram judicialmente assegurar a liberdade do boto que fora capturado com apenas dois anos de idade em Laguna, SC. Mas faltava ao Tucuxi estrutura para arcar com o complexo processo de readaptação do animal. A "guarda" do Flipper passou, então, para a Sociedade Mundial de Proteção dos Animais - WSPA, que após estudos resolveu devolvê-lo ao mesmo espaço de onde foi retirado.

DE VOLTA A LAGUNA

No final de janeiro o boto chega de helicóptero à Ponta da Barra, em Laguna, já amparado por um curioso personagem desta história, o treinador de golfinhos Richard O'Barry, encarregado pela WSPA de "destreinar" Flipper. O'Barry ficou famoso como adestrador de animais famosos de seriados de TV, inclusive aquele que inspirou o nome estrangeiro do Flipper catarinense. Em um show, um de seus animais morreu no colo do treinador que, arrependido, voltou-se para o pólo inverso de sua atividade, lutando pelo fim dos cativeiros. Sua nova visão fez com que fosse preso várias vezes nos EUA por "desobediência civil", ou seja, tentando impedir - sozinho e na marra - o acesso do público aos famosos aquários da Flórida.

Flipper, com seus trezentos quilos, ficou cerca de um mês em um abrigo cercado na Ponta da Barra, reaprenden-



O golfinho deixa o cativeiro para ser feliz no mar

do a pescar, recolocando em funcionamento o seu sonar que ficara inativo no cativeiro. O'Barry, badalado pela imprensa, trabalhou usando a técnica de condicionamento primário (Pavlov). Flipper passa a "caçar" tainhas com nadadeiras cortadas, readquire o gosto pelos peixes vivos e logo começa o comer tainhas inteiras em sua forma e velocidade. Pronto para voltar ao mar.

REPUXO

Flipper sentiu o repuxo da volta. Um malabarista de piscina não era bem o que queriam os outros botos para dividir a comida e as fêmeas. Flipper levou muitas mordidas e pancadas, se machucou e, sobretudo, ficou muito triste. A torcida contra vibrou: "não vai dar certo", "tem que prender de novo", diziam alguns na imprensa.

Quando a imprensa já não falava mais dele e O'Barry já estava de volta a Miami, Flipper apareceu na praia do Sonho, em Palhoça, abatido, cansado. Foi lá que ele encontrou um amigo que estaria com ele nos próximos dias. Paulo Carraro, mergulhador e instrutor de mergulho de Florianópolis que havia trabalhado na montagem do cercado de Laguna, foi chamado pela WSPA para amparar o boto.

Eu me apavorei quando cheguei na praia e vi aquele monte de gente em volta do boto, dando peixe morto para ele comer, veterinário com remédio. Era um monte de urubus dizendo que o Flipper ia morrer, que estava mal. Baixo astral mesmo. Entrei na água com uma energia diferente, brinquei com ele e logo vi que ele estava fisicamente bem. O problema dele era psicológico, estava angustiado, com estresse de angústia", conta Carraro. Além disso, conforme Carraro, havia vários grupos querendo faturar com a história do gol-

finho, "queriam o boto para eles". Teve até ambientalista propondo a volta ao cativeiro.

Nos dias seguintes o mergulhador acompanhou Flipper onde quer que ele aparecesse. Em Garopaba, praia da Ferrugem, Ouidor, praia da Guarda, Porto Belo. O diagnóstico de Carraro dizia que Flipper estava dividido entre a vontade de assumir o mar como sua nova casa e as facilidades do contato com os humanos. "As pessoas o prejudicavam dando comida para ele praia, tocando nele, suprindo a afetividade que ele não tinha conquistado entre os seus semelhantes, e os outros botos não entendiam que ele era mais que um simples golfinho", recorda

Carraro.

Os mergulhos conjuntos de Flipper e Paulo Carraro se tornaram quase cotidianos. Repartiam além de brincadeiras uma certa angústia. "Eu estava mal naqueles dias, em um processo parecido com o do Flipper, com dificuldade de me relacionar com o meu meio e, ao mesmo tempo, com a necessidade de não estar sozinho. A mesma coisa que o Flipper. Ele entendeu que estávamos na mesma situação", conta o mergulhador. Paulo, que nunca usou aparelho artificial de respiração quando estava com Flipper, exibe com orgulho os vídeos que mostram que sua simples entrada no mar e a exalação de bolhas com um som característico sob a água eram suficientes para atrair o golfinho, mesmo que ele estivesse muito distante.

O'Barry voltou para atender a recada de Flipper, mas não pode fazer muita coisa com a sua técnica de condicionamento. Carraro obteve mais sucesso com outro método que ele próprio chama de indução sugestiva. "A questão era encorajar Flipper a voltar ao mar. Eles, os botos, se comunicam numa quarta dimensão, quase telepatia. Eles sacam quando a gente tem uma vibração positiva ou negativa, e a gente também sente qual é a deles", explica Carraro.

Esta confiança na empatia, segundo Carraro, explica a segurança com que ele mergulha junto com as gigantescas baleias francas que, vez que outra, aparecem nos arredores de Florianópolis. "Se a gente tem boas vibrações o animal percebe".

Paulo Carraro explica que mergulha sempre em um estado de "comunicação cerebral", em uma faixa de vibração diferente da normal que usamos em terra. Isso possibilitou a proximidade e a "troca de

informações" com o boto, e até as "conversas" como aquela última que Carraro teve com Flipper em Porto Belo:

- Olha cara, eu também não gostaria de voltar para um monte de lugares. Tu está bem e tem que se assumir, se encorajar e tratar da tua vida. Eu vou tratar da minha.

Flipper parece ter aceito o conselho. Foi para São Francisco do Sul fez amizade com um menino com quem se encontrava na praia e há uns dois meses foi visto pela última vez, namorando e aparentemente esbanjando a sensibilidade e a experiência que adquiriu - por bem ou por mal - na sua convivência com humanos. Parece estar na liderança de um grupo de golfinhos. Hoje, conforme os responsáveis pelo processo de readaptação, a única diferença dele com relação aos demais botos é a bandeira brasileira tatuada com hidrogênio na sua barbatana dorsal.

SEM CRISE

Segundo a WSPA, o fato de há meses não se ter notícias do boto é uma boa nova. A menor frequência dos avistamento de terra seria o sinal definitivo de sua readaptação. Se ele tivesse morrido, por exemplo, certamente teria aparecido em alguma praia, comentam os ecologistas. Este sucesso repercutiu mundialmente e aumentou a pressão sobre os aquários da Flórida, onde crescem os movimentos pela libertação de botos e baleias.

Paulo Carraro exibe um sorriso irônico quando reconhece que foi o único que não apareceu na mídia na história do Flipper. Como o boto, ele deixou a crise de lado e retomou suas atividades, incluindo no currículo das suas aulas de mergulho os vídeos de suas aventuras com o golfinho. "Aprendi muito com este boto e acho que ensinei alguma coisa para ele. Esta história teve final feliz: ele em São Francisco e eu no Canto da Lagoa".



Carraro (fundo) e O'Barry: métodos diferentes